

ASPECTOS CULTURAIS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA ESTRANGEIROS NA UEG – CAMPUS CSEH

CULTURAL ASPECTS IN THE PORTUGUESE LANGUAGE CLASS FOR FOREIGNERS AT UEG- CSEH CAMPUS

Sarah da Silva Araújo¹

Sirlene Antônia Rodrigues Costa² (PG-UFGM)

RESUMO: Este artigo pretende ressaltar a importância da valorização da cultura na aprendizagem de uma segunda língua. Esse aspecto será analisado no curso de Língua Portuguesa para Estrangeiros, ministrado na Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas (CSEH). Para realização desse artigo foi feita uma pesquisa qualitativa bibliográfica e executada a análise das aulas assistidas durante o primeiro semestre do ano de 2017. Através das leituras e análises restou claro que a cultura é essencial na aprendizagem de outra língua, todas essas impressões ficaram marcadas dentro do curso de Língua Portuguesa para estrangeiros, onde foi demonstrada a relevância desse aspecto na aprendizagem dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Português. Segunda língua. Cultura.

ABSTRACT: *This paper intends to emphasize the importance of the appreciation of culture in the learning of a second language. This aspect will be analysed in the Portuguese for Foreigners course, ministered in the State University of Goiás, Anápolis campus of Socioeconomic Sciences and Humanities. For the achievement of this article a qualitative, bibliographic research was done and an analysis of the observed classes during the first semester of the year of 2017 was executed. Through readings and analysis it remained clear that culture is essential in the learning of another language, all of these impressions left a mark in the course of Portuguese Language for foreigners, where the relevance of this aspect in student's learning was shown.*

KEYWORDS: *Portuguese. Second language, Culture.*

Introdução

Este estudo surgiu a partir do interesse de pesquisar a ação extensionista, oferecida pelo curso de Letras do Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas da Universidade Estadual de Goiás: O ensino de Português para Estrangeiros, ou seja, o ensino do Português como segunda ou terceira língua.

¹ Mestra em Educação, Linguagem e Tecnologia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: sarah.pacto.go@gmail.com

² Doutoranda em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Mestra em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

O objetivo principal desse artigo é apresentar os aspectos culturais abordados durante as aulas e a importância da aprendizagem significativa dentro desse curso. Para tanto, será apresentada uma breve trajetória da criação e do funcionamento deste projeto na Universidade, assim como a apresentação dos alunos.

Com o movimento migratório que o mundo vive atualmente, se faz extremamente necessário discutir sobre o ensino de língua portuguesa para estrangeiros, e isso não é diferente na cidade de Anápolis, que desde sua criação sofre influências das imigrações árabe, síria, chinesa, italiana e de outras nacionalidades. Além disso, nos últimos tempos a cidade e seus municípios têm recebido um número grande de imigrantes haitianos, angolanos, entre outros.

Analisar o curso de Língua Portuguesa oferecido aos imigrantes, nos auxiliou a entender melhor quais imigrantes buscam a cidade de Anápolis na atualidade, e nos permitiu também fazer intersecções entre suas culturas, já que discutir cultura³ é também ensinar Língua Portuguesa. Além do que, discorrer sobre esse tema significa ainda colocar a Língua Portuguesa cada vez em maior destaque, especialmente no que tange à Língua Portuguesa “brasileira”.

A globalização tem permitido que pessoas de todo o mundo possam se deslocar para lugares diferentes a todo instante e, por isso, cada dia se torna mais importante aprender novas línguas. Nesse sentido, é importante registrar que hoje a língua inglesa é a que recebe maior número de falantes não nativos, por ser uma língua com grande força econômica e social.

Sabe-se que a língua portuguesa, como segunda língua ou terceira língua, ainda é pouco trabalhada, numa comparação em nível mundial, mas na atual situação em que o mundo se encontra, com guerras, catástrofes ambientais e econômicas, empresas multinacionais se espalhando, entre outros fatores, o Brasil tem sido procurado por muitos como refúgio, abrigo, e ainda por estudantes e empresários que desejam estudar e instalar empresas no país, além de ser muito procurado também para turismo e outros eventos.

No município de Anápolis, nos anos entre 2012 e 2016 houve a chegada de um grande número de haitianos e jamaicanos que trabalhavam com o comércio informal no

³ Neste trabalho, será adotado o termo de Cultura formulado pelo antropólogo inglês, Edward Tylor, e traduzido por LARAIA (1986) como: “um todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

centro da cidade e nas empresas alimentícias, a maioria veio para o Brasil em busca de uma situação melhor de trabalho, foi percebendo tal demanda que o Campus CSEH passou a ofertar o curso de Língua Portuguesa para Estrangeiros.

Em busca de alcançar os resultados esperados para a produção deste artigo, foi realizado uma pesquisa qualitativa, que conforme cita Minayo (2010): “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.” Essa pesquisa foi realizada em duas fases, sendo a primeira como pesquisa bibliográfica, que segundo Fonseca (2002): “é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites.” E outra, numa segunda fase, quando foi realizada a análise das aulas assistidas, que serão relatadas no decorrer do artigo.

Nesse artigo, adotaremos o termo Português como segunda língua ou terceira língua, pois como esclarece a tabela abaixo existe diferenças entre Língua Estrangeira (LE) e Segunda Língua (L2), e a partir do contexto de análise e da diferenciação presente no quadro, fica claro que o curso de português para estrangeiros trabalha a L2 ou L3.

Figura 1- Tabela de diferenças entre LE e L2

Língua estrangeira	Segunda língua
O único contato com o idioma é durante a aula.	Exposição à língua na rua, nas interações diárias, etc.
Exemplo: brasileiros aprendendo espanhol no Brasil. Escolas de línguas, cursos de idiomas. Aulas de línguas no ensino público.	Exemplo: mexicanos aprendendo inglês nos Estados Unidos. Programas de intercâmbio. Imigrantes aprendendo a língua local no país de acolhida.

Fonte: CEA, 2013⁴

⁴ Disponível em: <<http://espanholnarede.com/qual-e-a-diferenca-entre-segunda-lingua-e-lingua-estrangeira/>>
Acesso em:20/07/2017.

O trabalho apresenta a contextualização das aulas, os perfis dos alunos participantes e os aspectos culturais. Para trabalhar tais temas foram usados como referências: Almeida Filho (2012), Laraia (1986), Freire (1988), Santos (2008) entre outros.

Contextualização

O curso de Língua Portuguesa para Estrangeiros foi inicialmente pensado e planejado pela professora XXXXX, por causa do número de haitianos e jamaicanos que trabalhavam no centro da cidade, mas em contato com a coordenação de ações extensionistas decidiram abrir o curso para toda a comunidade, a Universidade Estadual de Goiás, em seu próprio site, conceitua a extensão universitária como:

[...] o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa, de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade, cuja relação estabelece o fluxo de troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, que tem como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade, com a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora desse processo dialético de teoria/prática/reflexão/prática, a Extensão Universitária é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada de todas as dimensões da sociedade. (UEG, 2018)

Esse curso extensionista existe há um ano e meio, foi iniciado no primeiro semestre de 2016 e teve continuidade no primeiro semestre de 2017. A primeira turma era composta em sua maioria por alunos haitianos e jamaicanos, que acabaram indo para outros países em busca de novas oportunidades de emprego, em função da crise política e econômica pela qual passa o Brasil desde 2016. A segunda turma contou com alunos de nacionalidades síria e francesa. Já a terceira turma, na qual foram observadas as aulas, foi composta por três alunos de origens francesa, haitiana e síria.

Resguardando a personalidade de cada um, os alunos serão nesse trabalho referidos como alunos 1, 2 e 3. Sendo o aluno 1, francês, com aproximadamente 65 anos e há 10 anos no Brasil, a aluna 2, haitiana, com aproximadamente 20 anos e há 2 anos no Brasil, e a aluna 3, síria, com aproximadamente 25 anos e há 4 anos no Brasil. As aulas do primeiro semestre de 2017 foram realizadas às quartas e sextas-feiras, das 15:00 às 16:30, nas salas de aula do Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas da UEG.

As aulas foram ministradas pela professora idealizadora do projeto, que trabalhou com leituras, realizadas em conjunto com a turma. Os principais textos trabalhados foram

crônicas e reportagens de jornais, textos que apresentavam vários aspectos do Brasil, abrindo oportunidades para que os alunos conhecessem melhor a cultura brasileira e para que contrastassem com suas respectivas manifestações culturais. Portanto, todos os textos foram problematizados e foram esclarecidas quaisquer dúvidas quanto ao vocabulário apresentado. Além disso, a professora trabalhou com a produção de pequenos textos, incentivando os alunos a escreverem em Língua Portuguesa. Dos três alunos, duas fazem graduação na UEG.

Na observação das aulas ficou claro que o aluno 1 é quem tem mais dificuldade com a Língua Portuguesa, já o 2 e 3, até por já estarem cursando a graduação, têm mais facilidade, além disso, a aluna 2 já estudava Língua Portuguesa no Haiti, pois recebia missionários na igreja, e por isso seu pai a incentivou a aprender a língua.

Ainda sobre o perfil dos alunos, dos três, todos pretendem voltar ao seus países. O aluno 1 é aposentado e mora no Brasil com sua esposa brasileira, e vai a França visitar os filhos, espera voltar a morar na França quando sua esposa aposentar, a aluna 2 pretende terminar a graduação, em pedagogia, e fazer pós-graduação *lato-sensu* e *stricto-sensu* antes de voltar ao Haiti, e a aluna 3 pretende morar no Brasil até o fim da guerra no seu país de origem, ela é graduada em Jornalismo e atualmente estuda Letras na UEG.

Cabe ressaltar que todos os trechos e exemplos citados durante o artigo foram retirados das observações das aulas, através das falas mais marcantes dos alunos. As observações foram realizadas especialmente nas aulas das sextas -feiras.

O ensino de português como segunda língua faz parte do ramo da Linguística Aplicada, e é pouco explorado, visto que poucos livros e trabalhos relacionados a esse tema podem ser encontrados, mas como a Língua Portuguesa está entre uma das línguas mais faladas no mundo, devido ao grande número de habitantes dos países que usam o português como língua materna, o ensino de Português, como segunda língua se torna essencial, uma das necessidades do mundo globalizado, e essa é uma das várias justificativas da Universidade Estadual de Goiás ter implementado este curso de extensão.

Aspectos Culturais

O ensino de Língua Portuguesa para Estrangeiros, apesar de ser considerado por alguns estudiosos como um tema novo, já era implementado desde a colonização do Brasil, já que o objetivo principal dos que chegaram aqui era ensinar a língua e a cultura da colônia. Até

os primeiros colégios serviram para ensinar o jovem habitante da Nova Terra a falar, ler e escrever em Português (ALMEIDA FILHO, 2012). Nesse contato, entre colonizadores e colonizados, ficavam claras suas impressões culturais e, tudo isso, era inserido no aprendizado da Língua Portuguesa, o que até hoje acontece em qualquer aula de L2 ou LE, já que se levam para sala de aula os aspectos culturais do povo brasileiro.

As manifestações culturais estão sempre relacionadas à língua, portanto se torna essencial na sala de aula que os alunos conheçam, junto com a aprendizagem linguística, os aspectos culturais do povo que recebe este estrangeiro ou imigrante, pois como afirma Dalphian (1996, p.51)

[...] a língua dá acesso à cultura e, por outro lado, para aprender uma língua é preciso um mergulho cultural, a aquisição de habilidades orais e escritas, isto é, a competência comunicativa não fica assegurada apenas com o conhecimento das estruturas linguísticas (...) saudar uma pessoa, fazer um convite, servir um cafezinho, pedir desculpas (...) são todas situações que se inserem profundamente num contexto cultural.

No curso de Língua Portuguesa para Estrangeiros não poderia ser diferente, são três culturas diferentes aprendendo uma mesma língua e suas particularidades. Nesse sentido, colabora Porcher (1996, p.4), afirmando que “a comunicação em outra língua não se prende só à aprendizagem da língua. Mais que isso, não existe nenhuma objetividade se o ensino não se associa às competências culturais e interculturais”. No caso do ensino de L2, os alunos já estão inseridos na cultura da língua a ser aprendida, mas durante todas as aulas eles tentaram deixar claro as diferenças culturais entre suas práticas e as existentes no nosso país, bem como suas impressões e diferenças de ideias com relação a alguns hábitos e costumes vividos nos seus países de origem e no Brasil.

A fim de entender um pouco melhor sobre os países dos alunos integrantes da turma, a professora regente pediu que os mesmos fizessem apresentações em power point e as expusessem na sala de aula, mostrando aos demais seu país e suas culturas. As apresentações levaram toda a aula e os alunos ficaram muito entusiasmados em apresentar e em aprender sobre os outros países. Durante as apresentações os alunos expuseram curiosidades e perspectivas diferentes de seus países.

É importante ressaltar que todos enfatizaram basicamente os aspectos positivos, os pontos turísticos, a arquitetura, as riquezas naturais, as manifestações religiosas, a

culinária, as festas, as crenças e o que julgavam valioso e importante ser mostrado. Falavam com orgulho e entusiasmo sobre suas terras natal.

O aluno de nº1 apresentou uma França muito rica culturalmente, falou sobre a política em seu país e mostrou imagens dos lugares que frequentava, falou também das desigualdades que existem na França, e que ela não é só formada pelas maravilhas que são mostradas na televisão.

A aluna nº 2 apresentou um Haiti muito diferente daquele mostrado pela mídia, que só se interessa em expor os desastres do país, a aluna mostrou as belezas do Haiti, e fotos do furacão que devastou toda a costa sul, e como a sua vida e a da sua família mudou após esse desastre ecológico. Outra curiosidade citada foi sobre as línguas faladas no país, onde a língua oficial é o crioulo, uma variação do francês, mas se aprende na escola o francês, o crioulo e o Inglês. A aluna disse através das apresentações, que o país prefere ser reconhecido como um país de misérias e desastres, porque assim pode receber ajudas de outros países, e que por isso esconde as belezas e riquezas que ele possui.

A aluna 3 mostrou uma Síria em dois aspectos, com fotos de antes e de depois dos atentados terroristas, muitos monumentos importantes foram antigos foram devastados. Porém, ela deixou claro que não é em toda a Síria que isso aconteceu, pois existem muitas cidades que não foram tomadas por terroristas. Além disso, ela apresentou sobre a cultura árabe e a religião muçumana, desmistificando a ideia errônea que a mídia cria sobre os muçumanos, generalizando, muitas vezes, todos como terroristas.

Essa apresentação serviu para que professor e alunos se conhecessem melhor e entendessem um pouco mais sobre a cultura de cada um. Através desses pontos de vistas apresentados foi que muitos debates e discussões foram criados, pois em vários momentos cada um apresentava ideias e pensamentos diferentes. Nesse sentido, a apresentação colaborou com a opinião de Ortiz Alvarez (2002, p. 166) ao ressaltar que

[...] inserir conteúdo cultural no ensino de outra língua, além de significar retirar a língua do vazio e restituir-lhe vida, significa também emprestar-lhe o papel catalisador de crescimento pessoal, promovendo um interesse crescente pela cultura que se desestrangeiriza, além da tolerância e do respeito pela identidade e pelos valores de seu povo.

Em diversas aulas foram levantadas questões que tratam sobre a diversidade cultural, em uma das aulas, onde foi trabalhado o texto Plebiscito, do autor Artur Azevedo, foi

discutido sobre a política no Brasil, e o aluno 1 deixou bem clara suas opiniões e impressões sobre a política brasileira. Ele levantou a discussão sobre o fato de no Brasil se pagar primeiro o serviço e só depois ele ser realizado, como é o caso das licitações, ele argumentou que na Europa não funciona assim. O aluno acredita que o Brasil vai melhorar e mudar daqui uns 100 anos, e deixou claro que, em sua opinião, nenhum país muda em um período curto de tempo, mas ressaltou que para haver mudanças os políticos do país devem ser os primeiros a mudarem a forma de agir e pensar.

Outra aula, onde foi trabalhado um texto sobre a homossexualidade, os alunos colocaram suas opiniões sobre o assunto. O aluno 1, muito conservador, talvez devido a sua idade, afirmou que para ele homem é homem e mulher é mulher, e que isso não deveria ser aceito na sociedade. Já as alunas 2 e 3, apresentaram ideias mais abertas e admitiram aceitar e defender o combate da homossexualidade. Sobre essas diferenças corrobora a opinião de Cantoni (2005, p. 21), que afirma: “os indivíduos recebem culturas diferentes, ou seja, veem o mundo de formas diferentes, têm pensamentos e comportamentos distintos, o que influencia no modo como cada um pensa e age.” Nesse sentido fica claro as impressões de cada um, impressões essas que trazem um pouco da cultura vivida por eles.

As aspirações dos três alunos, que frequentaram o curso eram diferentes, e cada um possui um nível diferente de competência em Língua Portuguesa, deles o aluno 1 era o que estava no Brasil a mais tempo, aproximadamente 10 anos, e era o que mais apresentava dificuldade com a língua. Para ele, o mais difícil era escrever em português e, apesar de participar sempre das aulas, precisava da ajuda de um dicionário, ou da aluna 2 que também conhecia o francês. Dentre todos os três, ele era o único que não tinha pretensões de estudar ou construir uma carreira no Brasil, estava aprendendo a língua para se comunicar melhor com os amigos de sua esposa. Em uma das aulas, o aluno disse que só usa o Português fora de casa, porque lê, escuta música e assiste televisão em francês, talvez por isso não desenvolveu o português tão bem ainda.

As alunas 2 e 3 entendiam melhor a Língua Portuguesa, nas quatro competências: ouvindo, falando, lendo e escrevendo, pois a usam na graduação que fazem. Além disso, ambas têm pretensão de permanecer no Brasil por muito tempo e, por isso, procuram se adequar aos costumes do país. A aluna 2 já aprendia português no Haiti, para atender as demandas da igreja que frequentava. A aluna 3 vive com sua família no Brasil e pretende

fazer uma nova carreira profissional aqui, por isso, entende ser de extrema importância aprender bem a Língua Portuguesa.

De acordo com as necessidades de cada aluno, e conhecendo as ânsias e desejo deles é que a professora elaborava o material a ser trabalhado, contemplando as experiências vividas dos alunos e ensinando novos conteúdos através dessas experiências, e é dessa forma que foi sendo realizada a aprendizagem significativa que, de acordo com PELIZZARI et al (2001, p.38), “tem vantagens notáveis, tanto do ponto de vista do enriquecimento da estrutura cognitiva do aluno como do ponto de vista da lembrança posterior e da utilização para experimentar novas aprendizagens [...]”.

Durante todas as aulas observadas a professora tentou adequar os conteúdos as necessidades da turma, e a turma, cada um de acordo com o seu interesse, procurou aprender o que mais os interessava, como por exemplo, o aluno 1, que por não precisar usar a linguagem escrita, não se dedicou como os alunos 2 e 3 às tais formas de atividades.

Através dos relatos mencionados e outros observados durante as aulas, ficou claro que as discussões sobre os aspectos culturais nas aulas colaboraram para o aprendizado da nova língua a ser aprendida, visto que eles se dedicavam a expressar suas opiniões em Língua Portuguesa, e com isso aperfeiçoavam cada vez mais a competência linguística em português, e, conseqüentemente, conheciam e se aproximavam mais da língua a ser aprendida.

Considerações Finais

Neste artigo analisamos as aulas do curso de Língua Portuguesa para Estrangeiros do Campus CSEH, que possui um ano e meio de criação, um curso de extensão universitária, que trata, portanto, não de transferência de saberes da academia, mas de um diálogo, uma construção coletiva através da qual o sujeito atendido pela prática extensionista é estimulado a refletir conscientemente sobre a sua realidade (FREIRE, 1988).

O curso foi analisado através de seu aspecto cultural, que, como pôde ser observado no corpo do trabalho, caminham lado a lado com a aprendizagem dos alunos. Além disso, pudemos ver que colabora também para a aprendizagem fatores como a diferença de idade, as pretensões futuras e a quantidade dos anos que estavam no Brasil, sobre isso contribui (SANTOS, 2008, p.33) ao afirmar que “a aprendizagem somente ocorre se quatro

ARAÚJO, Sarah da Silva; COSTA, Sirlene Antônia Rodrigues. ASPECTOS CULTURAIS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA ESTRANGEIROS NA UEG - CAMPUS CSEH.

condições básicas forem atendidas: a motivação, o interesse, a habilidade de compartilhar experiências e a habilidade de interagir com os diferentes contextos”.

O estudo realizado serviu para conhecer melhor o curso de extensão da instituição e as necessidades da comunidade, assim como para quebrar barreiras e preconceitos que são divulgados sobre outros países. Além disso, participar das aulas auxiliou a compreender melhor os aspectos culturais.

Este trabalho é apenas um recorte das temáticas e das abordagens do curso de Língua Portuguesa para Estrangeiros, pois devido à riqueza do projeto, muito pode ser construído sobre o mesmo, abordando temas e questões que poderão surgir nos próximos semestres.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. Ensino de português língua estrangeira/EPL: a emergência de uma especialidade no Brasil. In: LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., e RIBEIRO, S., orgs. **Rosae**: linguística histórica, história das línguas e outras histórias [online]. Salvador: EDUFBA, 2012. ISBN 978-85-232-1230-8.

AZEVEDO, Artur. **O plebiscito e outros contos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

CANTONI, Maria Grazia Soffritti. **A interculturalidade no ensino de línguas estrangeiras: uma preparação para o ensino pluricultural o caso do ensino de língua italiana**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

DALPIAN, Laurindo. A Língua e o acesso à Cultura. **Signos**. Ano XVII, Lajeado: FATES/FECLAT, n. 27, 1996.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. p. 25.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. Os fraseologismos como expressão cultural: aspectos de seu ensino em PLE. In: CUNHA, Maria Jandyra C.; SANTOS, Percilia (Orgs.). **Tópicos em Português Língua Estrangeira**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p.166.

ARAÚJO, Sarah da Silva; COSTA, Sirlene Antônia Rodrigues. ASPECTOS CULTURAIS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA ESTRANGEIROS NA UEG - CAMPUS CSEH.

PELIZZARI, Adriana; KRIEGI, Maria de Lurdes; BARON, Márcia Pirih; FINCK, NelcyTeresinha Lubi; DOROCINSKI, Solange Inês. **Teoria da Aprendizagem Segundo Ausubel**. Rev. PEC, Curitiba, v.2, n.1, p.38, 2001.

PORCHER, Louis. **Le Français dans le monde** – Recherches et applications. Paris: Hachette EDICEF, 1996.

SANTOS, Júlio César Furtado. **Aprendizagem Significativa**: modalidades de aprendizagem e o papel do professor. Porto Alegre: Mediação, 2008.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS. Disponível em:
<http://www.pre.ueg.br/conteudo/6433_apresentacao_> Acesso em: 20/07/2018

Recebido em 30/01/2019
Aprovado em 29/08/2019